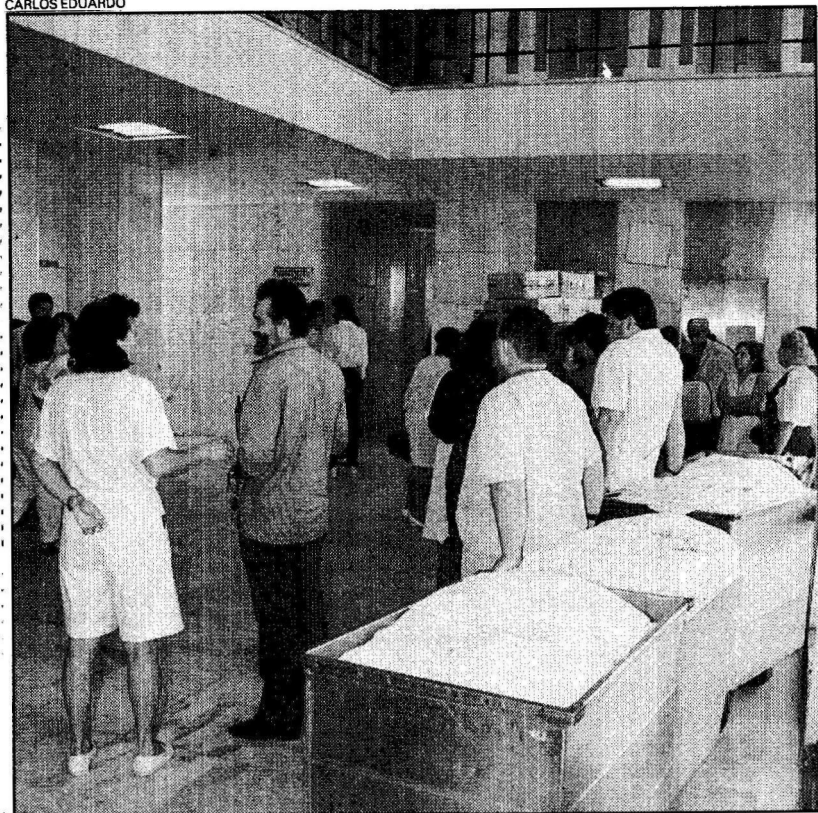


CARLOS EDUARDO



A pane do único elevador que funcionava alterou a rotina do hospital

Pane em elevador transtorna vida de pacientes do HBDF

Adriano de Souza

O rechonchudo Francisco, um bebê de 11 meses de idade, não costuma dar trabalho ao pessoal do 7º andar do Hospital de Base, onde recebe tratamento contra leucemia. Ontem de manhã, porém, ele rompeu com a rotina de docilidade e mostrava-se indiferente até mesmo aos encantos do carrinho com o qual costuma brincar. Se olhado a distância, Francisco até parecia tranquilo, sentado como um Buda no leito. Mas para quem se aproximava, os olhinhos inquietos e a respiração agitada denunciavam o desconforto da criança. É que pela primeira vez após a internação, Francisco experimentou uma sensação intragável: fome. O jejum matinal, usualmente servido logo cedo, só chegou às 9h30. O motivo: pane no único dos seis elevadores do HBDF em funcionamento desde sexta-feira passada.

Como Francisco, outros cerca

de 450 pacientes alojados no bloco de internações do HBDF sofreram as consequências da falta de manutenção dos elevadores, um problema que se arrasta há vários anos e transtorna ainda mais o cotidiano do maior hospital do DF, vítima de outros problemas crônicos, como a escassez intermitente de materiais cirúrgicos e medicamentos. Para quem estava chegando em busca de atendimento ou para dar sequência a tratamentos a manhã de ontem dificilmente vai ser esquecida. "Eu vim de Santa Maria com a minha filha para trocar esse catéter e agora não posso subir porque não tem elevador. Isso é um absurdo", esbravejava Francisca Bezerra, ao lado da filha Vanessa, de seis anos, que tem uma doença renal e estava desconsolada na cadeira de rodas que a mãe empurrava, desesperada, para um e outro lado no saguão do prédio, atulhado de caçambas com roupas e lençóis de cama para troca.

Hospital vira ante-sala do caos

Descrever a cena como a ante-sala do caos não soaria exagerado, como reconheciam (e denunciavam) os funcionários do hospital. Pacientes com cirurgias marcadas ou exames por fazer, doentes que chegavam em busca de atendimento, médicos, enfermeiras e visitantes maldiziam as mazelas do sistema público de saúde, descarregando sua impotência ante um problema que parece insólito. "Nós temos até um defunto para descer e não podemos fazer nada porque não nos oferecem a menor condição de trabalhar com dignidade", resumia a assistente social Maria do Carmo Gomes.

Nos 11 andares do bloco de internações, as mesmas cenas se sucediam numa frequência vergonhosa: sacos de lixo e material de expurgo empilhados nos corredores ou nas salas; e pacientes deitados em macas junto à porta do elevador que não vinha.

Com a pane nos elevadores, os funcionários priorizaram a alimentação de diabéticos e de crianças, num esquema lento e cansativo que provocou atrasos e reações. O médico Antônio Alves,

diretor do sindicato da categoria e do Sindisaúde, disse que a falta dos elevadores é apenas um dos sintomas da agonia dos hospitais públicos. E mesmo com esse elevador funcionando, nós temos um grande risco de infecções porque ele é usado tanto para o transporte de pacientes e funcionários como para levar refeições e remédios e remover o lixo", ressaltou o médico.

Os elevadores do HBDF são os mesmos desde que o hospital foi fundado, em 1960. As panes têm sido constantes, fazendo com que, dos seis existentes, apenas quatro funcionem ao mesmo tempo. Há cerca de um mês funcionários, pacientes e médicos estavam sendo obrigados a se contentar com o funcionamento de dois; isso até sexta-feira passada, quando apenas um resistiu à sobrecarga de utilização. Esse "sobrevivente" pifou por volta de 23h de quarta-feira, prenunciando o caos da manhã de ontem. O sufoco só terminaria pouco antes das 10h, quando empregados de uma empresa de manutenção conseguiram consertar os elevadores, que servem ao hospital.

Defeito é atribuído à burocracia

O diretor do HBDF, Lairson Rabelo, tem uma explicação para as sucessivas panes nos elevadores: o tempo de uso, aliado à interrupção do esquema de manutenção sistemática, ocorrida no final de setembro, quando expirou o contrato com a empresa responsável pelo serviço. Atendendo a uma determinação do Tribunal de Contas do DF, que proíbe a assinatura de contratos de prestação de serviços no fim de um exercício, a direção do hospital foi obrigada a adiar sua vigência para janeiro do próximo ano, com validade até dezembro.

Segundo Lairson, até duas semanas atrás o hospital ainda contava com quatro elevadores em funcionamento, o que retardou a adoção de providências para garantir a manutenção nos 45 dias restantes até a vigência do novo contrato. Somente na sexta-feira, quando apenas um elevador continuou a funcionar, ele pôde pressionar a Fundação Hospitalar e a própria Secretaria de Saúde para retomar a manutenção, mesmo num esquema provisório "Eu deixei bem claro que se nós continuássemos a contar com apenas

um elevador, eu seria obrigado a desativar os leitos ocupados por pacientes que pudessem receber alta, sem aceitar novos pacientes", explicou o diretor.

A pressão surtiu efeito: a firma vencedora da licitação para prestar serviços a partir de janeiro vai assumi-la também durante o período até o final do ano, recebendo pagamento por serviços prestados. Ele garante que os riscos de infecção pelo uso indiscriminado de um só elevador, nos últimos seis dias, foram evitados com a fixação de horários diferenciados para diversas atividades.

Lairson Rabelo diz que, a manutenção é dificultada pelo grande número de pessoas que os utilizam. São cerca de quatro mil funcionários centenas de pacientes e visitantes, num total que, segundo ele, chega a oito mil pessoas circulando todos os dias no bloco de internações do HBDF. Quanto à falta de medicamentos e outros materiais de uso intensivo, ele disse que o problema é cíclico e reflete os efeitos da burocratização do sistema de saúde pública.